



Director literario:

*Amalinda de Almeida*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Eduardo Malta*  
PAPUSSE

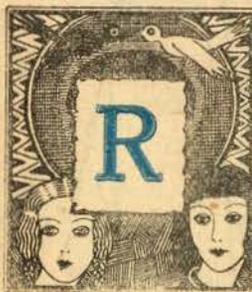


# UMA BOA ACCÇÃO

POR FERNANDO AUGUSTO SIMÕES

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

AOS LEITORES DO PIM-PAM-PUM



UI era um pobre rapazinho de 9 anos. Órfão de pai, vivia só com sua mãe que trabalhava de noite e de dia, para se sustentar a si e ao filho.

Mercê do seu esforço e também da inteligência do pequenito, Rui fizera já o seu exame do 2.º grau, em que obtivera uma distinção.

Tratava-se agora de lhe arranjar um emprego, mas todo o gosto do pequeno era ser seralheiro, e a mãe, que o não

queria contrariar na sua vocação, esperava que ele tivesse idade para o meter numa oficina, pois o seu corpito débil, não o permitia por enquanto.

Rui tinha um padrinho que, se não era rico, vivia, no entanto, livre de cuidados.

Era muito bondoso, mas um pouco agarrado ao dinheiro. Por isso, quando uma ocasião deu ao afilhado três cédulas de tostão, este ficou louco de contente.

Pudéra! Se nunca tivera tanto dinheiro junto!

Mas mal o padrinho saiu, Rui foi respeitosamente entregá-los a sua mãe.

— Tome lá, mãezinha; ponha no seu mealheiro, que é para a ajudar a comprar-me o fatinho, à maruja que me prometeu.

Mas a mãe voltou-lhos dizendo:

— Não, meu filho, estes três tostões são teus, deu-tos o padrinho, gasta-os, portanto, no que tu quizeres,



Começaram, então, para Rui, horas de anciedade:

— Que hei-de eu fazer com os três tostões?

«Comprar rebuçados? figos? bolachas?»

Mas, como nenhuma destas coisas lhe parecesse digna dos seus três tostões, Rui guardou-os, cuidadosamente, até ver se lhe aparecia algo digno deles.

Isto foi num domingo.

Passou-se a segunda-feira, passou-se a terça e Rui nada encontrava que merecesse a honra de ser comprado com o dinheiro que o padrinho lhe havia dado.

Mas na quarta-feira, tinha êle ido a um recado, voltou para casa, radiante de alegria.

— Que tens tu? perguntou-lhe a mãe, ao vê-lo tão contente.

— Ah mãezinha! Se soubesse!...

— O quê?

— Já sei em que hei-de gastar os três tostões,

A mãe sorriu-se da ingenuidade do pequeno.

— Então em que é?

— Olhe, eu lhe digo:

«Há um jornal em Lisboa, que todas as quintas-feiras traz, cá para os miúdos, uma grande fôlha cheia de histórias, bonecos e adivinhas, toda a côres, muito bonita.

— Ah! Mas isso se calhar é muito caro, disse a mãe recendo não poder satisfazer o pequenito.

— Isso sim; minha mãe.

«Aquilo vem dentro do jornal, de maneira que, quem comprar o jornal, compra também, sem gastar mais dinheiro, esta fôlha, que se chama «Pim! Pam! Pum!».

«Ora como o jornal custa três tostões, que é, mesmo à certa, o dinheiro que tenho, e como amanhã é quinta-feira, dia em que essa fôlha sai, levanto-me mais cedo e vou logo ali à esquina, ao Tio Manel dos Jornais, e compro-lhe um jornal desses.

Efectivamente, no dia seguinte, logo de manhã, mal o sol entrando pela janela do seu quarto lhe iluminava a cabeça loira, Rui, trémulo de alegria, saltou ligeiramente da cama.

Olhou para o relógio: eram oito e meia. A essa hora já o jornal devia ter saído.

Lavar-se, vestir-se, beijar sua mãe, pegar no dinheiro e sair, foi para êle tudo obra de cinco minutos.

Mal se apanhou na rua, desatou numa correria doida. Tinha pressa o pequeno de lêr o «Pim! Pam! Pum!».

Mas, daí a pouco, já cansado, abrandou o passo.

Então, olhando, casualmente, para um andrajoso mendigo, sentiu confranger-se-lhe o coração ao ver o aspecto miserável daquêle desgraçado: era um pobre, a quem a doença maldita atacara já a cabeça, que era como que uma enorme chaga. Todo rôto, o desgraçado encostava-se a um grôssô varapau e levava a tiracolo uma repelente saca, onde decerto guardava tudo o que lhe dessem; dinheiro, pão, frutas ou quaisquer outros viveres.

Condoído, Rui olhou para êle, e os seus olhos marejaram-se de lágrimas.

Então, o mendigo vendo Rui parado diante dêle, olhando-o com comiseração, estendeu-lhe a mão, e, numa voz triste, implorou:

— Tenha dó de quem não pode trabalhar. Dê-me um tostãozinho para me ajudar a viver!

Então, uma idéa atravessou o cérebro do generoso rapazinho:

— E se eu lhe desse os meus três tostões?

Se bem o pensou melhor... o ia para fazer.

O ia para fazer porque Rui, levando a mão ao dinheiro, e indo para o estender ao mendigo, lembrou-se de repente que se tal fizesse não leria o seu querido «Pim! Pam! Pum!».

Então, indeciso, Rui olhava, ora para o pobre mendigo, ora para o fim da rua onde com uma voz monótona e arrastada, o Tio Manuel apregoava os jornais da manhã.

— Olha «O Século»!...

E ia largar a correr para fugir à tristeza que lhe causava o pobre mendigo, quando uma lembrança que teve, o fez estacar novamente:

— Quem sabe, pensou êle, se eu vou comprar o «Pim! Pam! Pum!», e vou para casa todo contente a lê-lo, e êste pobre velhinho chega à noite, e não tem com que comprar um pão?!

Ante êste pensamento, o pequenito não hesitou mais: levou a mão à algibeira, tirou os três tostões e num gesto resolutivo, estendeu-os ao mendigo.

Mas enquanto êste agradecia, contentíssimo, os olhos de Rui encheram-se de lágrimas de saudade pelo seu «Pim! Pam! Pum!», e soluçando voltou novamente para casa. Sua





mãe esperava-o, já impaciente por ver aquele pequenino jornal de quem o seu filhinho lhe contava tantas maravilhas.

Mal ele entrou, sua mãe correu para ele exclamando:

— Então, meu filho, trazes? Mostra, mostra, que lindo deve ser!

Mas logo reparou que ele chorava, cada vez mais, verdadeiramente aflito,

— Que tens tu? perguntou ela também já angustiada. Perdeste o dinheiro? E ao ver o gesto negativo do pequeno:

— Então?... tiraram-to?

Ante a nova negativa, perguntou ainda:

«Ah! já sei! compraste rebuçados, se calhar?»

Como o pequeno negasse sempre, ela tornou:

— Então?... que foi? porque é que choras?

— Dei... o dinhei... ro a um po... bre!

Uma torrente de lágrimas acudiu também aos olhos da mãe, lágrimas de alegria, de orgulho, por ter um filho assim.

E, entre soluços, ela foi-o consolando:

— Deixa lá, não chores, que tudo se ha-de arranjar,

No dia seguinte o padrinho foi lá a casa e a mãe contou-lhe tudo.

Contente também com o lindo gesto do afilhado, o padrinho sentou-o nos joelhos, dizendo:

— Deixa lá, rapaz, não te apoquentes, que ainda ficas de ganho.

— Ainda fico de ganho? perguntou o pequeno julgando que o padrinho lhe daria outros três tostões.

— Sim, meu rapaz, e eu te explico porquê.

— Então porque é?

— E' porque, como tu sabes, o meu filho Armando morreu há dois meses. E ele também gostava muito do «Pim! Pam! Pum!», e como ele gostava, eu comprava-lho sempre.

Depois que ele morreu, não tornei a comprar. Mas amanhã nós os dois chegamos à redacção do jornal «O Século» e compramos lá todos os números atrasados do «Pim! Pam! Pum!».

— Para quê? perguntou Rui, fingindo que não percebia, mas entendendo perfeitamente o padrinho, e sentindo-se por dentro satisfeitíssimo.

— Ora! Para quê é que ha-de ser! Para juntar depois aos outros que tenho lá guardados, e dar-tos depois a ti em paga da boa acção que fizeste.

— Oh! padrinho! Que bom!

— E ainda te faço mais: compro-te todas as semanas os que saírem, mas com uma condição.

— Qual é? qual é?

— E' a de me deixares vir todas as semanas a tua casa ler os números que forem saindo, porque eu, apesar de velho, também gosto das lindas histórias e adivinhas que o «Pim! Pam! Pum!» publica.

— Pois sim, padrinho! Pois sim!

E Rui, radiante de alegria, apertava freneticamente o pescoço do padrinho, enchendo-lhe a cara de beijos.

Efectivamente, no dia seguinte, Rui foi com o padrinho à redacção de «O Século», onde comprou os números que haviam saído nos últimos dois meses, e veio depois por casa do padrinho donde voltou carregado com um enorme masso das páginas, para ele tão lindas, que eram o «Pim! Pam! Pum!», e bendizendo o momento em que dera os seus três tostões ao pobre mendigo.

Vêem como uma boa acção é sempre recompensada?!

F I M

## PIM-PAM-PUM BIBLIOTECA

MENINOS!  
SEMPRE É BOM LEMBRAR QUE AINDA  
É TEMPO DE ADQUIRIREM

o VII volume  
desta linda biblioteca, intitulado

# OS MEUS CONTOS

POR  
MARIA LEONOR LIMA BRANDES

PROFUSAMENTE ILUSTRADOS  
POR EDUARDO MALTA

## Colaboração infantil

Desenho do menino Eduardo Maria Loureiro e Vasconcelos, de 6 anos de idade.



O livro "Professores Sportivos"?

# A VINGANÇA DOS CINCOENTA BEYS

POR

MARIA BRANCO

DESENHOS DE E. MALTA



NOITECIA há muito. Qual balão maravilhoso, a lua, redonda e cheia, banhava a terra de luz.

No pátio do palácio, cujas paredes eram forradas de belos azulejos árabes e onde cantavam, fontezinhas e repuxos, Abla e Yousef segredavam:

—Se vamos desgostar o Califá!... murmurava a princezinha de olhos verdes e tranças negras.

—Também, para que teima o pai, retendo-nos neste alcáçar florido?

Somos, por acaso felizes?

Estes jardins maravilhosos, onde os jasmins e as rosas são aos milhares, aborrecem-nos já.

Esconde-nos a vida. Jamais admiramos os campos, os mares e os rios.

Nunca brincamos com outras crianças e os guardas africanos não cruzam o seu olhar com o nosso.

Somente nos é permitido falar com o vizir e o bey.

—E's injusto, Yousef. Esqueces as nuvens, as estrelas e os passarinhos, que têm sido o nosso passatempo.

—Bem sabes que eles nos hão-de acompanhar durante a bela aventura, retorquiu ousadamente o indomável infante.

De mãos dadas, os irmãozinhos fitavam ansiosamente a lua. A natureza dormia, embalada pelas passadas em cadência das sentinelas negras e o som metalisado e delicadíssimo da água correndo e dos repuxos caindo nos tanques

de jaspe. Súbito, certa névem cinzenta, toldou o luar...

Girou sobre si mesma, contorceu-se, corporisando um anãozinho. Logo a seguir, formou-se um morcego que o anão cavalgou.

—Depressa, Abla.

Dizendo isto, Yousef arrastou consigo a princezinha, mergulhando juntos, no lago central.

Repentinamente, dois lindos pirilampos esvoaçaram pelo espaço, e, tão luminosos e scintilantes eram, que, ao longe, não se distinguiriam das estrelas mais longínquas.

Poisaram sobre cada asa do morcego, que se desprendeu da lua.

Retezando as rédeas, o anãozinho, empertigado e sério, dirigiu a sua montada para o norte, vertiginosamente...

O desespero do visir foi sem limites, em face do desaparecimento dos príncipezinhos. Como de costume, tinha-os deixado dormindo sobre os fofos coxins das caras peles de leopardo.





Rondara toda a noite a guarda e nenhum ferrolho havia sido corrido, nenhuma grade arrombada.

Como explicar a misteriosa fuga?

O visir esperava morrer. Seria o afrontoso castigo do Califa.

E, altivamente, esporeou o alazão que galopou à doida até à cidade real.

O Califa recebeu-o imediatamente, e, ao ouvir o relato, suspirou:

—Não pudeste evitar os fados? Nem as armas, nem a prisão conseguiram guardar os meus tescuros? Os inimigos vingam-se.

Recordou-se, angustiadamente, daquela conspiração dos partidários de seu sobrinho Rachid, da crueldade usada para com os revoltosos, lançando-os, fortemente amarrados, aos chacais esfomeados.

O castigo viera de seguida. Uma folha de palmeira caíra misteriosamente na galeria central, avisando o Califa da perda de seus filhos.

Atormentado, julgara retê-los, aprisionando-os nessa fortaleza, que era guardada por cem corpolentos e destemidos negros.

Confiou Abla e Yousef, ao seu melhor amigo: o visir... e o sobresalto largara-o pouco a pouco.

O Califa soluçava exausto, vencido.

Ante aquele aniquilamento inesperado, o visir não sabia que responder.

Pensara de frontar-se com a raiva e a cólera de seu senhor!

—Todo o meu poder é nada, comparado com a justiça de Deus! Queridos filhos!

Chamaram-se a palácio os melhores sábios, todavia, não formularam hipóteses, calaram-se estarecidos.

Resolveu, portanto, o Califa ir em procura de Abla e de Yousef.

Sôzinho, desprezando séquito, honras e bem estar, percorreu tristemente aldeias, desertos e florestas.

Caminhava sempre, roído por um mal sem nome, ensaúidado de seus filhos, e os anos passavam-se sobre os anos,

sem que o Califa deparasse uma esperança, um pequeno rasto sequer.

Seus membros enfraqueciam, sua alma mirrava-se e o desgraçado rei, envelhecido, não era mais do que um pobre mendigo esfomeado e roto, a quem os cães ladravam assustadoramente.

Certa manhã, fatigadíssimo, o Califa adormeceu à beira duma czinha pintada a frêscio, circundada por jardins magníficos. As rosas e os jasmims, perfumavam intensamente o ar. Acordou ao chilrear dum bando de crianças, que o rodeava. Admirou, encantado, êsse grupo de lindos bebês, fortes e rosados. Mas, ao contemplar o mais velho, o coração apertou-se-lhe no peito e soltou um longo, profundo e selvático grito.

Vira o seu Yousef pequenino...

A êsse gemido estranho, acorreram os pais das crianças, e o Califa reconheceu nêsse mancebo viril, o seu filhinho de outrora.

Abraçou-o longa e estreitamente. A realização da sua única e exclusiva ambição, pensamento fixo a todo o segundo, deixara-o quasi morto.

Recolheram-no cuidadosamente a casa, e, mal recuperou os sentidos, pediu ansiosamente a Yousef que lhe narrasse tudo.

—Como no alcáçar faltassem crianças e brinquedos, eu e Abla procuravamos inventá-los.

Foi assim, que nos habituamos a contemplar os astros.

As nùvens eram quem nos entretinham. De forma, que pùdemos observar que certa nuvemzinha cinzenta teimava em permanecer sempre sobre o mesmo sitio. Quentes tardes de verão trouxeram-nos luas cheias, esplendorosas. Extasiavam-nos encantados, quando de repente a tal nùvem atravessou a lua começando a gravar nela letras e palavras. Li. Soubemos, então, que essa nùvem era formada pelas lágrimas ardentes dos cincoenta beys, bárbaramente mortos pelo Califa e senhor nosso pai.

Incitou-nos à fuga, prontificando-se a auxiliar-nos. Para

isso, bastaria mergulhar na bacia de mármore-rosa, que existia no nosso pátio de prisão, logo que na lua aparecesse um anãozinho, o que deveria suceder na madrugada do dia seguinte.

Obedecemos, conscientes da ventura que iríamos gosar... Quando tudo era sossego, escapamo-nos silenciosamente das nossas câmaras e corremos ao pátio. Efectivamente o anão foi desenhado sobre a lua, e, ao mergulharmos, metamorfoseamo-nos em pirilâmpos.

Voámos, então, a contactar com a vida. Que lições ela nos prodigalisou!

Presenciámos todas as dores humanas! Todas as misérias, todos os males!

Queríamos chorar e não podíamos, que horror! Todavia, por cada lágrima sentida, uma consolação nascia sobre a dor que havíamos presenciado.

Calamos pragas raivosas dos pobres camponeses, que, sob o ardente e esbrazeante sol, moírejavam a terra que lhes não pertencia.

Fizemos cantar vitórias sobre nobres exércitos que dignamente deírontavam a morte inglória e humilde.

Enchemos de peixe as redes dos rudes pescadores que, em noites de tempestade, arriscavam a existência a troco de mínimas pagas!

Aos doentes, oferecemo-lhes esperanças e lindos sonhos. Pobres seres estagnados vivendo com a desilusão a toda a hora!

À legião de criancinhas abandonadas, e velhinhos inválidos, prodigalisamos-lhe carinhos inauditos!

E espargimos, a mãos cheias, confortos morais, consolações sem fim, a todos os sacrificados, mutilados de vontades e desejos.

Esvoaçamos sempre, deixando atrás de nós uma estrada de felicidade.

Os nossos corações aumentavam em bondade e as nossas asas, dia a dia, ganhavam maior vigor e brilho.

Nunca mais víramos o anãozinho que nos havia segredado à despedida:

— Aproveitem as maravilhosas lições! E' o suave castigo dos pobres Beys!

Repousávamos na corola das flores. E assim, uma noite adormecemos num bercinho estranho, duma linda flor, violeta clara. Fechara as suas pétalas e julgávamo-nos perfeitamente seguros...

Porém o nosso brilho era tanto, que certo naturalista sonhador a quem o canteiro de tulipas pertencia, estranhou aquela luz que ardia adentro da sua flor mais querida.

Apoderou-se dela e, ao contacto dessa mão humana, o nosso encanto terminou.

Contamos tudo a esse belo adolescente que foi o nosso mestre, o nosso pai.

Possuia ele uma filhinha amada que cresceu connosco e a quem amei e desposi; Maria Cristina.

O Califa chorava baixinho. Com um pressentimento perguntou ainda:

— «Dize-me, onde está Abla?»

Yousef respondeu tristemente:

— «Como era perfeita demais para esta Vida, voou para o Céu. Só me resta participar-lhe que reneguei essa falsa fé árabe de sangue e de ambição, e hoje sou um humilde e piedoso cristão.

Sou feliz, entre minha mulher e meus quatro filhos e se fosse forçado a voltar ao alcáçar, preferia morrer».

O Califa ficou vivendo com a família a quem contava lindas histórias persas. Não tardou muito que fosse batizado, entre as comoventes lágrimas dos filhos e dos netos

Rachid governa há muito o Califado... porém ainda existem beys que esperam que o velho Califa voltará um dia, trazendo acorrentado a cada braço Abla e Yousef.

Como os homens se enganam e como os futuros são pertença de Deus!

F I M

## Lição de Desenho



A  
m  
a  
m  
ã



S  
a  
í  
u

P  
o  
r

GRACIETTE BRANCO  
Desenho de Ed. Malta

— Anh... Anh... Anh...

— O' Né...  
— Que é?  
— A mana está a chorar!  
— E a mamã?  
— Não está cá.  
Foi ter com nosso Papá,  
que há pouco a mandou chamar

— Anh... Anh... Anh...

— Ouviste?  
— Ouvi!  
— E agora?  
Se ela ainda se demora?  
— E a ama?  
Está na cama,  
a dormir?  
E a Criste?  
E a Titi?  
— Foram também co' a Mamã!

... Anh... Anh...

— Olha, ouviste?  
Olha, lá está...

— Mas espera, que eu vou lá,  
eu já lá vou acudir...

.....  
— Não chores mais, pequenina,  
que a nossa mamã já vem!  
Olha que eu sou pequenina  
e já não choro também...

..... O'..... O'.....  
..... O'..... O'.....

... Atchim!

— Embrulha-te Né.  
Embrulha-te bem, assim...  
— Schiu!... Anda pé ante pé...  
— Adormeceu?  
— Pois. Fui eu,  
que fiz papel de mamã...

... Atchim!

— Anda, Né,  
Vai-te deitar  
que te estás a constipar...

... Adeus, até  
amanhã.

F I M

# Negócio gorado

Por  
LUIZ ALCIDE  
NUNES



Tónio Lucas Encravado,  
Ex-marujo de uma escuna,  
Andava há muito empenhado  
Em fazer grande fortuna,

Várias indústrias montou;  
— Muito dinheiro saíu —  
Tudo, porém, acabou,  
Porque a sorte lhe fugiu,



Certo dia em que caçava  
Acompanhado dos filhos,  
E uma ideia procurava  
Para o livrar de sarilhos,

Eis que uma bala de engenho,  
Lhe penetra no touço,  
Grita alegre: — emfim, já tenho  
Com que matar o enguço!...



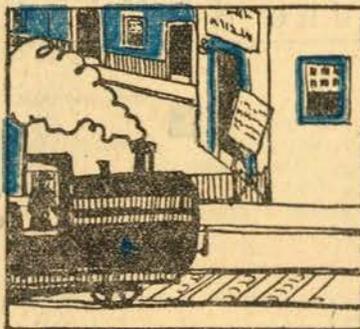
A' beira da férrea via  
Ele instala, num instante,  
(Para chamar freguezia)  
Uma tasca «puxavante».

E na parede de asfalto,  
Colocou um bom letreiro,  
Que dizia: Faça Alto!...  
Aqui está o Cartaxeiro!...



“Bons vinhos e petisqueira  
“Aqui se vendem, ó gente!...  
“Só chega, à noite, à Figueira  
“Esse comboio indecente”

Mas o último cartaz,  
Estava sempre coberto,  
Assim, ficava capaz  
De enganar o mais esperto!



Um comboio surge à vista;  
E, ao “bispar” a taboleta,  
Fica à brocha o maquinista.  
Traça logo a maquineta.

Corre muito passageiro,  
A saber se houve empeno,  
Emquanto o Lucas, brejeiro,  
Tirava o cartaz veneno.



Vendo então que o tal aviso  
Não era para parar,  
O condutor perde o siso,  
Quási esteve a desmaiar...]

Mas todo aquele povinho  
Que acorreu junto ao tascório,  
Comprou ao Lucas o vinho  
E, por cima... deu vivório!



Outros comboios passaram;  
Vendo a ordem de parar,  
Toda a gente despejaram  
E, tudo foi... petiscar,

De maneira que o Luquinhas  
Bem teria enriquecido,  
Se o Demo, que tem fosquinhas,  
O não tivesse sabido...



Sucedeu que, certo dia,  
Passou grande estudantada

Fizeram-lhe tal razia,  
Que o homem ficou sem nada!...

Isto mostra que a esperteza  
Muitas vezes também falha;

Como Lucas com certeza  
Na Terra há muita canalha,